

Futebol e a produção da subjetividade de jovens trans em situação de acolhimento

Lóry da Silveira Ribeiro

*Secretária de Educação do Estado do Tocantins;
Secretária de Educação do Município de Palmas*

Luiz Carlos Rigo

*Universidade Federal de Pelotas, Escola Superior de Educação Física,
Programa de Pós-graduação em Educação Física*

Resumo

Situando no contexto das reconfigurações das instituições de acolhimento brasileiras, esse artigo teve como objetivo analisar o papel do futebol e do lazer na sociabilidade e na produção de subjetividade de dois jovens transgêneros em situação de acolhimento institucional, na cidade de Pelotas (RS). A metodologia do estudo seguiu alguns princípios da perspectiva etnográfica contemporânea de Wacquant (2002). Além de problematizar a transfobia e a passabilidade, o estudo concluiu que as práticas esportivas e o futebol ocupavam um lugar de destaque na sociabilidade e na produção de subjetividade dos jovens trans em situação de acolhimento.

Palavras-chave: futebol; subjetividade; lazer; transfobia; práticas esportivas.

Abstract

Situated within the context of the reconfiguration of Brazilian residential care institutions, this article aimed to analyze the role of football and leisure in the sociability and in the production of subjectivity of two transgender youths living in institutional care in the city of Pelotas (RS). The study's methodology followed some principles of Wacquant's (2002) contemporary ethnographic perspective. In addition to problematizing transphobia and passability, the study concluded that sports practices, particularly football, occupied a prominent place in the sociability and in the production of subjectivity of transgender youths in institutional care.

Keywords: football; subjectivity; leisure; transphobia; sports practices.

Introdução

Roda dos Expostos e as instituições de acolhimento

As instituições de acolhimento para crianças e jovens são casas que fazem parte dos serviços de alta complexidade do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), nas quais recebem sujeitos “em situação de abandono, ameaça ou violação de direitos [que] estejam afastados temporariamente de seu núcleo familiar, com os vínculos familiares rompidos ou fragilizados”, atendendo de modo extensivo as famílias para que consigam se reestabelecer e criar um ambiente estável para a reinserção das crianças e jovens acolhidos (Brasil, 2023, n.p.).

Uma das marcas constituintes da história das instituições de acolhimento é a Roda dos Expostos. Segundo o Museu de Misericórdia de Salvador (BA) (s.d.), “a primeira Roda dos Expostos foi implantada em 1726 pela Santa Casa de Misericórdia da Bahia, [...] com o propósito de acolher crianças”. Com isso, as primeiras instituições voltadas ao recolhimento de crianças no Brasil, remontam ao séc. XVIII.

Segundo Ariza (s.d.), a roda dos expostos era formada por uma caixa dupla, de formato cilíndrico, inserida nos muros de instituições de caridade, como os hospitais. A roda ficava aberta para o exterior, com um espaço para receber a criança; ao rodar o cilindro, esta era conduzida ao interior da instituição – tal mecanismo garantia o anonimato de quem a deixava.

Desde a sua emergência até os dias atuais, essas instituições passaram por uma série de reconfigurações, inclusive com outras nomeações tais como: orfanato, abrigo, Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (Funabem) e correlata Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (Febem)¹. Situando nesse contexto sócio-histórico de emergência e recon-

1 Desde o século XV, o abandono de crianças e a sua posterior morte provocavam insatisfação em líderes da Igreja Católica, que entendiam que essa imagem não condizia com o progresso da sociedade, fazendo com que na Europa acontecesse o surgimento de instituições voltadas ao recolhimento desses sujeitos. No Brasil, esse tipo de espaço

figurações dessas instituições no cenário brasileiro, esse artigo tem como objetivo analisar a produção de subjetividade² de dois jovens transgêneros em situação de acolhimento institucional na cidade de Pelotas (RS).

A pesquisa foi realizada com alguns pressupostos da perspectiva etnográfica contemporânea, mais especificamente inspirada na etnografia feita por Wacquant (2002) em que se ressalta o princípio da “participação observante”, objetivando:

[...] capturar e restituir essa dimensão carnal da existência, [...] partilhada, em graus diversos de visibilidade, por todos e por todas, através de um trabalho metódico e minucioso de detecção e de registro, de decodificação e de escritura capaz de capturar e transmitir o sabor e a dor da ação, o som e a fúria do mundo social que as abordagens estabelecidas das ciências do homem colocam tipicamente em surdina, quando não os suprimem completamente (Wacquant, 2002, p. 11).

De março de 2022 a dezembro de 2023, realizamos uma imersão com intervenções semanais na casa de acolhimento que foi objeto dessa pesquisa. Os jovens eram acompanhados em passeios, nas idas ao campo de futebol, em festas de Natal ou de aniversário, nos treinos da escolinha de futsal/futebol e, em algumas ocasiões, no deslocamento até a escola. Como ferramentas utilizamos um aplicativo para gravar os encontros e, posteriormente, confeccionar os registros no diário de campo. Nesse período de imersão com intervenção na instituição foi possível conhecer o cotidiano

foi surgindo a partir do século XVIII, importando-se da Europa a arquitetura da roda dos expostos. Para mais considerações sobre a genealogia histórica dessas instituições, ver: *Adoção tardia: manifestações do cotidiano de uma casa de acolhimento de Pelotas/RS* (Ribeiro; Goellner; Rigo, 2024). Sobre a emergência no contexto europeu, ver: *Roda dos expostos: deslocamentos do livro ao jornal* (Porto, 2011).

2 Neste estudo, foi utilizado o conceito de subjetividade de Foucault, ou seja, a forma como as práticas discursivas e não discursivas constituem os sujeitos. Para mais considerações sobre o conceito de subjetividade, ver *Ditos e escritos: estratégia poder-saber* (Foucault, 2006) e *História da sexualidade: o uso dos prazeres* (Foucault, 1998).

desses jovens, dialogar com eles, observar os modos pelos quais foram produzindo a si mesmos em meio à convivência com outros jovens em situação de vulnerabilidade que coabitavam o mesmo espaço³.

Durante o período da nossa intervenção, cerca de treze jovens moravam nessa instituição. Entretanto, nesse artigo, optamos por problematizar questões referentes à constituição da subjetividade desses dois jovens somente, que se percebem como jovens trans. Essa análise particular deu-se, principalmente, por identificarmos que eles são constituídos por questões diferentes dos demais, em virtude das particularidades de sua sexualidade/subjetividade⁴.

Junto com as intervenções no campo também foi utilizada uma “entrevista compreensiva” com uma das jovens trans acolhidas. Ferreira (2014, p. 984) ressalta que no uso da entrevista compreensiva “o entrevistador não se limita a recolher informações e/ou discursos sobre experiências, vivências e opiniões do entrevistado”; ela corresponde a “construções intersubjetivas, ou seja, descrições e posições discursivas que são construídas a partir de uma situação de interação”.

3 Além dos dois anos de imersão na casa de acolhimento pesquisada, a primeira autora desse estudo possui uma significativa experiência de pesquisa e intervenção em outras casas de acolhimento. Durante os anos de 2016 e 2017, a autora realizou intervenção, voltada a perceber a produção dos corpos de meninas em situação de acolhimento, em uma casa na cidade de Pelotas. Pesquisa feita como trabalho de conclusão de curso em Educação Física (FURG), intitulada: *A produção de corpos de meninas em uma instituição de acolhimento* (2017). No período de 2018 a 2020, a pesquisadora atuou como voluntária em outra instituição, atuação que deu origem ao seu trabalho final em nível de especialização em Educação Física escolar (UFPEL), como o estudo: *Que escola é essa? Um olhar de crianças e adolescentes moradores de uma instituição de acolhimento na cidade de Pelotas (RS)* (2019). Posteriormente realizou sua dissertação de Mestrado em Educação (FURG), intitulada: *Juventudes contemporâneas em instituições de acolhimento: uma análise do canal do YouTube Adoção Tardia* (2020).

4 Em outro estudo, problematizamos a constituição da subjetividade dos demais jovens que estavam acolhidos na casa no período que realizamos a intervenção/pesquisa. Para mais considerações sobre esse estudo, ver: *O futebol como produtor de subjetividade: um estudo a partir de crianças e jovens das casas de acolhimento da cidade de Pelotas/RS* (Ribeiro; Rigo, 2025).

Dos dois jovens que se compreendem como trans no período de intervenção na casa, (Victória e Endrick) ⁵, foi possível entrevistar apenas Victória, que está acolhida há mais tempo que Endrick. No transcorrer da escrita traremos fotos e alguns fragmentos de narrativas, oriundas de nossa estada no campo. Agregados aos componentes empíricos que serviram de suporte para a realização desse artigo, também lançamos mão da contribuição de algumas referências teóricas, que contribuíram para melhor compreendermos, problematizarmos e analisarmos as questões tratadas pelo estudo. Assim, o suporte teórico/metodológico desse estudo foi constituído por autores como: Foucault (1979; 1998; 2006), Butler (2003; 2019), Preciado (2014; 2022;) e Wacquant (2002).

Victória e Endrick: os protagonistas do estudo

Victória tem 16 anos, é negra, alta, de olhos castanhos; reclama do tamanho de seus pés e mãos, que acha grandes demais e entende que isso a masculiniza. É uma adolescente transgênero, que ama maquiagens e música. Escuta Gloria Groove e Pablo Vittar, relata que se inspira nessas divas pop. Ela se queixa de passar por diversas situações de transfobia no cotidiano. Por outro lado, sente-se acolhida e é defendida, tanto na rua quanto na escola, pelos outros jovens que moram na casa de acolhimento. É muito romântica, ama postar registros com seu namorado e sempre que possível está com ele. Bastante amigável, tem muitas amizades na escola, apesar de não gostar de frequentá-la.

Endrick é um jovem trans, tem 17 anos, é branco de olhos castanhos. Ama jogar futebol, sempre que pode está treinando ou jogando. Muito estiloso e galanteador, ele costuma ter namoradas nos diferentes espaços por onde transita. Além disso, é bastante vaidoso, gosta de fazer cortes estilizados no cabelo e anda sempre arrumado e perfumado. É marrento, diz ser essa uma marca sua. Tem uma grande amizade com um dos meninos que

⁵ Nomes fictícios escolhidos pelos jovens.

é acolhido com ele. Relata que o futebol os une, pois sempre que possível saem para jogar juntos. Afirma que nunca passou por situações de transfobia e que, se passasse, “cairia na porrada com os otários”. Escolheu jogar em um time feminino por se sentir mais bem aceito e por já ter integrado outras equipes femininas anteriormente. Para Endrick, o time é a melhor coisa que lhe aconteceu desde o acolhimento; ele diz que só não foge da casa por esse motivo.

Construção da sexualidade em jovens trans de uma casa de acolhimento

Para Crenshaw (2004), as discriminações raciais e de gênero operam juntas, dificultando o sucesso de mulheres e meninas negras. Essas discriminações representam barreiras sociais impostas de forma ainda mais violenta a meninas e mulheres não cisgênero, como é o caso da Victória⁶. Enquanto Victória enfrenta constantes episódios de transfobia em seu cotidiano, Endrick diz não vivenciar tais situações. Os relatos da jovem explicitam uma rotina marcada por diversas formas de violência de gênero:

— Tia Lóry, lá na escola hoje aconteceu uma coisa horrível, eu passei por bullying. (Victória)

— Como assim? (Pesquisadora)

— Um menino que era meu melhor amigo. Nós brigamos, e ele ficou dizendo que eu era homem. Aí eu disse pra ele que isso era crime, que era transfobia, e ele nem se importou. Eu sei dos meus direitos né, tia? Mas fiquei com raiva, com vontade de partir pra agressão. (Victória)

— Ninguém pode mexer com a nossa [nome da acolhida]. Se ele se meter com ela de novo, nós vamos lá pegar ele. (Alessandro) (Ribeiro; Rigo, Caderno de campo, 1º set. 2022).

6 Alves (2017, p. 1) explica que: “Mulheres cisgênero são aquelas em consonância entre o sexo anatômico e a expressão de gênero, enquanto mulheres transgênero são aquelas em dissonância entre o sexo anatômico e a expressão de gênero”.

Apesar das diversas situações de transfobia que a jovem sofre, os outros jovens que também estão em situação de acolhimento parecem tentar protegê-la de tais violências. Durante a festa de Natal proporcionada para as crianças e jovens em situação de vulnerabilidade – juntando os moradores de todas as casas de acolhimento e aquelas crianças e jovens que são contempladas com políticas de assistência social na cidade de Pelotas (RS) –, Victória passa por mais uma situação de transfobia:

– *Tia Lóry, eu vou ficar aqui contigo, não vou mais no banheiro.* (Victória).

– *Claro, pode ficar. Mas, aconteceu alguma coisa? Vai te divertir na festa.* (Pesquisadora)

– *Ai tia, uma mulher falou que não gostou que eu tava no mesmo banheiro que ela. E no dos meninos, eu não vou.* (Victória)

– *Como assim? Que mulher? Queres que eu vá falar com ela? Queres que eu vá ao banheiro contigo?* (Pesquisadora)

– *Não tia Lóry, deixa aquela cobra transfóbica, eu não quero confusão.* (Victória)

(Ribeiro; Rigo, Caderno de campo, 14 dez. 2022).

Apesar de Endrick estar no mesmo ambiente, na mesma festa, ele não relatou ter sofrido algum tipo de violência, como a impossibilidade de utilizar o banheiro; pelo contrário, falou: “*Tia Lóry, o pai aqui pegou toda a festa, as gurias tudo me queriam*” (Endrick, 14 dez. 2022, fala retirada do Caderno de campo). Por ter uma passabilidade maior, o jovem relata que não passa por situações como as vivenciadas por Victória.

Endrick, por vezes, passa por jovem cisgênero, não sendo questionado o seu gênero, enquanto Victória não tem a mesma passabilidade. A passabilidade constitui-se como a capacidade da pessoa transgênero ser reconhecida socialmente pelo gênero a que pertence sem ser questionada, garantindo, com isso, a possibilidade de ir e vir em quaisquer espaços sem ser excluída por discriminação. Assim, quanto mais a pessoa consegue passar-se enquanto cisgênero, maior é a sua passabilidade (Cunha, 2023).

Em algumas vezes, como em seu aniversário de 15 anos (Ribeiro; Rigo, Caderno de campo, 28 dez. 2023), Victória explicita a sua expectativa por essa passabilidade. Ao estar maquiada, de vestido e salto alto em uma pizzaria com a pesquisadora, as amigas e o namorado, ela fala: “Tia Lóry eu tô me amando hoje! Olha pra mim, eu tô muito cis, ninguém diz que eu não sou cis”. A fala da jovem demonstra o quanto a passabilidade é algo desejável e importante para ela.

Victória, em entrevista, explicita como é necessário lutar mais para conseguir os mesmos espaços que outras pessoas, por ser negra e trans:

[. . .] A gente tem uma luta, a gente tem uma história. A gente merece o nosso espaço, sabe? A gente merece estar ali convivendo. Eu, como pessoa trans, eu tenho que ser melhor que uma pessoa cis para eu não ser desmerecida. Pessoas negras têm que ser melhores que pessoas brancas para também não serem desmerecidas, entendeu? Para não ser colocada em... Como é que se diz? Sabe, como... Como é que se... Eu não sei a palavra certa para usar, sabe? Para ser jogada de escanteio, sabe? As pessoas é que deviam ser menos preconceituosas, né? Porque apontar o dedo, falar... É isso, é aquilo, todo mundo fala, né? Mas só a gente sabe a nossa luta. Só a gente sabe o que a gente passou. E não vai ser essas pessoas que vão falar isso e que vai fazer a gente deixar de ser quem a gente é. A gente vai continuar sendo. E as pessoas vão ter que engolir. Porque é a nossa história (Victória, entrevista, 15 maio 2024).

A entrevistada demonstra a necessidade de se sobressair para conseguir ultrapassar as barreiras impostas a ela. Crenshaw (2004) explica que é imprescindível que a discriminação racial e a de gênero sofridas por mulheres e meninas negras não seja vista de forma separada, já que ambas se interseccionam. O conceito de interseccionalidade “aborda diferenças dentro da diferença” (Crenshaw, 2004, p. 9), explicitando a sobreposição de discriminações que alguns grupos de pessoas sofrem. Consolida-se, assim, o entrelaçamento de opressões experienciadas por mulheres, jovens, negras, pobres e trans, como a Victória, acrescentando que, no caso dela, trata-se

de uma jovem que está em uma casa de acolhimento. Uma singularidade, geralmente, não contemplada nem pelos discursos da interseccionalidade.

A jovem entrevistada também reivindica o direito de existir e de poder expressar a sua história ao ressaltar que: “*A gente também é gente, né? A gente tem uma luta, a gente tem uma história. A gente merece o nosso espaço, sabe? A gente merece estar ali convivendo*”.

Preciado (2022, p. 281) destaca a imprescindibilidade de ser visto e poder falar de sua própria existência: “Eu, como um corpo trans, como um corpo não binário, ao qual nem a medicina, nem a lei, nem a psicanálise, nem a psiquiatria reconhecem o direito de falar com conhecimento [...] sobre minha própria condição”.

O autor acrescenta que, segundo os discursos médicos e jurídicos instituídos e, inclusive, pela maioria dos “diagnósticos psicanalíticos”, ele é classificado como “sujeito de uma ‘metamorfose impossível’”. Ou, em uma perspectiva mais inquietante, como “o monstro que vos fala”. E denuncia: “O monstro que vocês construíram com seus discursos e suas práticas clínicas. Eu sou o monstro que se levanta do divã e fala, não como paciente, mas como cidadão, como seu monstruoso igual (Preciado, 2022, p. 280).

Preciado (2022) enfatiza que vivemos em uma sociedade que fabrica um regime de diferença sexual, produzindo os modos de ser feminino ou masculino; com isso, afirma que a origem natural dos gêneros é apenas uma crença. E aqueles que escapam dessa naturalização – na qual só são entendidos como possíveis os gêneros feminino e masculino – são questionados, violentados e, muitas vezes, mortos. Na cena exposta a seguir, retirada do Caderno de campo, Victória conta sobre a dor da perda de uma amiga que foi assassinada por pessoas transfóbicas:

Chego na casa, e Caio conta que Victória tinha voltado (a menina havia fugido na última vez que estive na casa). Me direciono até o quarto das meninas para encontrá-la:

– *[Nome da menina], fiquei triste que tu fugiu bem no meu aniversário, tu fez falta.* (Pesquisadora)

— É que aconteceu uma coisa que eu não pude ficar, tia. Eu tava lá na escola, né? No computador, tava no Facebook e uma amiga minha me avisou que tinham matado outra amiga nossa e pediu pra eu ir encontrar ela, pra nós irmos no velório. (Victória)

— Que horror [nome da menina], sinto muito, o que aconteceu? (Pesquisadora)

— Uns caras transfóbicos que saíam com ela, né tia? Ela se prostituía, aí eles pegaram e espancaram ela. Aí minha amiga disse que pagava minha passagem, que eu não tinha vale, pra gente ir no velório. (Victória)

— Que coisa triste, eu imagino o quanto tu tá triste, sinto muito. (Pesquisadora)

— É tia, tu sabe que eu não sou de fugir, mas dessa vez eu tive que ir. Tinha que ir no velório dela, tô muito triste por ela ter morrido, ainda mais dessa forma que mataram ela. Além de tudo dá um medo na gente, sabe? (Victória)

(Ribeiro; Rigo, Caderno de campo, 11 set. 2023).

Em alguns momentos Victória conta sobre essas violências que já sofreu em vários ambientes:

Eu estava no banheiro da escola [nome da escola] e chegou uns meninos do nada, assim, entraram no banheiro e começaram a me bater. Assim, me bater, me bater do nada. E aí eu sangrei, né? Foi por isso que eu comecei a parar de frequentar aulas escondida, sabe? E a diretora falou que a culpa era minha. Que eu estava errada. Que eu não estava no lugar certo. Que eu não estava certa. Sabe? Que eu sou errada (Victória, entrevista, 15 maio 2024).

Na sequência, Victória descreve outro acontecimento, dessa vez fora da escola:

[. . .] eu saí de noite para dar uma volta, espairecer a cabeça, e um homem me parou. E começou a falar, ah, é um homem, né? Eu olhei para ele e falei: não. Só que era de noite, né? Eu estava sozinha, não tinha como eu me defender. Eu estava usando as minhas tranças ainda, né? E ele falou, não, então é um homem

sim. E ele veio, me empurrou e me bateu. E ele passou um canivete e ia cortar o meu cabelo. Ele disse que, segundo ele, né? Homem tem que ter cabelo curto. E tentou cortar o meu cabelo. Aí, nisso, eu consegui me levantar e fugir, né? Mas eu sei que vai ser a minha vida toda, né? Não tem o que fazer (Victória, entrevista, 15 maio 2024).

Victória usa o momento da entrevista para explicitar as estratégias que costuma utilizar para enfrentar as múltiplas situações de violência às quais ela é frequentemente exposta. Apesar da sua pouca idade, Victória demonstra ter clareza dos seus direitos e maturidade para avaliar os riscos que corre, optando por se esquivar de certos enfrentamentos: *“Na escola, tudo bem. Ali, eu procuro os meus direitos. Mas agora na rua eu sozinha, de noite, ou pode ser de dia, não importa. Não tem como eu querer me impor, entendeu? Eu tenho que ficar quieta e seguir meu caminho. Porque eu posso acabar sendo morta. Entendeu?”* (Victória, entrevista, 15 maio 2024).

Com lucidez, ela demonstra conhecimento da violência constante que sofrem as pessoas trans, principalmente em nosso país:

Inclusive, o Brasil é considerado o país que mais mata mulheres transexuais e travestis. Então, tu pensa. Uma mulher a cada... sabe? Mulher trans que morre de um jeito trágico, sabe? Só por ser quem é. Então, eu fico com medo, né? Por isso que eu não saio sozinha. (Victória, entrevista, 15 maio 2024).

Mesmo quando Victória acredita ter razão, acaba tendo que fugir, calar-se para continuar viva. O fato de não ser uma pessoa cisgênero e branca torna seu corpo um alvo, reduzindo suas chances de sobrevivência em uma sociedade fundamentada no binarismo, que a constitui como um “ser abjeto”. Butler (2019, p. 22) explicita que se produz uma matriz excludente na qual, para que sejam formados sujeitos, se constituam também os seres abjetos, que não alcançam o estatuto de sujeito. “Nesse sentido, o sujeito é constituído por meio da força de exclusão e abjeção que produzem um exterior constitutivo, para ele um exterior abjeto que é, afinal, ‘interior’ ao sujeito como seu próprio repúdio fundacional”.

Preciado (2022) utiliza-se da metáfora de “jaula” para exemplificar a designação de gêneros; o autor explicita que ao sair da “jaula” do sexo feminino e entrar em outra redesenhada de homem trans de corpo não binário, sabe que não deixou de estar “enjaulado”, mas que entrou em uma jaula escolhida, não imposta e que reconhece o seu mérito de “gaiola”. Victória conta que antes desconhecia outras possibilidades para além da binariedade de homens e mulheres e, com isso, por mais que percebesse que não se “encaixava” nessas “jaulas”, não sabia que poderia estar em outras.

Na verdade, eu nunca percebi que eu fosse uma menina. [. . .] tipo, a minha sexualidade, eu sentia que tinha alguma coisa errada. Mas no início, a minha mãe, sabe, sempre me falou assim, [Nome da entrevistada], tu não pode dizer que tu não gosta disso, sendo que tu nunca experimentou, entendeu? Foi assim que eu aprendi. Aí eu fui, sabe, viver minha vida, experimentei, vivi coisas novas. E ainda tava percebendo que tinha alguma coisa que tava muito errada. Isso já faz uns 5 anos. Tinha alguma coisa muito errada comigo. E eu não sabia que existiam pessoas trans. Até que um dia eu conversei com uma amiga minha, que era mulher trans, né, uma adolescente trans. E eu realmente percebi que era aquilo que eu era, sabe? Era aquilo que tava faltando em mim. E aí eu resolvi me aceitar. Claro, né, que tinha a função da família, da aceitação, mas eu não pensei nos outros em si. Eu pensei em mim, em ficar bem comigo mesma, sabe? Porque eu não estava me encontrando com o meu corpo, sabe?
(Victória, entrevista, 15 maio 2024).

Quando conheci Victória, ela ainda utilizava o nome masculino, porém ao questioná-la como desejaria ser descrita e qual nome teria na pesquisa, a jovem explicitou que gostaria de ser descrita como uma menina trans e escolheu o nome aqui utilizado. Durante a transição, Victória foi procurando aprender cada vez mais sobre esse processo, assistindo a palestras, seguindo influenciadoras trans. Em audiência para a perda do pátrio poder pelo pai, questionou a juíza sobre a possibilidade da mudança de nome nos documentos, ao que a magistrada explicou que era um direito acessível à menina.

A jovem então passou a utilizar o nome feminino, o qual foi respeitado pelos outros acolhidos e pela maioria das pessoas que trabalhavam na instituição – Victória reclamava que somente um dos servidores não respeitava o seu novo nome. Aos poucos, a menina foi tendo a possibilidade de modificar o seu guarda-roupa, usando também roupas femininas que iam chegando como doação e ela solicitava. Diferentemente de Victória, Endrick já se nomeava e se descrevia enquanto um menino trans quando eu o conheci. Utilizava roupas masculinas e já tinha se inserido no quarto do meninos.

Preciado (2022, p. 283) explica as dificuldades desse momento de descoberta, já que é necessário “desaprender” tudo o que foi ensinado desde a infância, pautado em um gênero normativo. Passando a formar-se a partir de “novas fronteiras administrativas e políticas, barreiras invisíveis, mas efetivas, se erguem diante de você, e o dia a dia se torna uma corrida de obstáculos”.

Futebol e outras práticas corporais⁷ dos jovens trans em situação de acolhimento

O acesso às práticas de lazer ainda são restritas para os jovens trans. A participação das pessoas transgênero no esporte é uma discussão latente, que necessita de avanços e da desconstrução de diferentes preconceitos.

7 O termo práticas corporais foi utilizado nesse estudo inspirado no conceito de práticas culturais, utilizada por Michel de Certeau, (1994; 1995) para se referir às invenções e às práticas culturais de resistência que fazem parte do cotidiano de sujeito das classes populares. No campo da Educação Física o conceito de “práticas corporais” constituiu-se como um conceito em construção, em disputa, que está sendo utilizado com certa heterogeneidade para designar significados distintos, (Manske, 2022). Nessa pesquisa ele foi utilizado como “expressões individuais ou coletivas do movimento corporal, advindas do conhecimento e da experiência em torno do jogo, da dança, do esporte, da luta, da ginástica, construídas de modo sistemático (na escola) ou não sistemático (tempo livre/lazer)” (Brasil, 2012, p. 28). Mais considerações sobre o uso do conceito de práticas corporais no campo da Educação Física em: Manske (2022); Knuth e Antunes (2021); Damico e Knuth (2014).

Algumas questões – como o nome – são pautas para essas pessoas, já que nem sempre elas têm o novo nome respeitado.

Endrick, ao passar por uma seletiva de um time de futsal, se emociona com a possibilidade de ser chamado pelo novo nome (nome social)⁸, demonstrando a importância que isso tem em sua vida, nesse processo de transitoriedade.

Depois do “peneirão” do time de futsal feminino [nome do time], o menino entra no carro e chora:

– Tia Lóry, achei que não ia conseguir, essas gurias são boas demais. E tia, ele disse que vou poder ser chamado pelo meu nome masculino, que vou ter camiseta e tudo com o meu nome (Endrick se emociona mais e começa a chorar compulsivamente). (Ribeiro; Rigo, Caderno de campo, 15 jul. 2023).

O nome configura-se como parte constitutiva da subjetividade desses jovens. Alves e Moreira (2015, p. 60) explicitam que o nome antecede o sujeito já que o anuncia, “o nome revela um papel no mundo, papel subjetivo, social, profissional, afetivo, sexual, familiar, entre muitos outros. Ele faz parte dos atos performáticos do cotidiano, reiterando narrativas e discursos do sujeito e do social sobre o sujeito”.

Preciado (2014, n.p.), explica que toda pessoa trans já teve ou tem dois ou mais nomes. O nome intitulado no nascimento e o escolhido com base no processo de subjetivação dissidente, denotando um processo de identificação, constitui-se como um signo intencional de “uma travestilidade político-sexual. E isso acontece não a partir do verdadeiro sexo ou do autêntico nome: mas sim através da construção de uma ficção viva que resiste à norma”. Para Le Breton (2014, n.p.) assim como o corpo é mutável, o nome também pode ser: “O corpo é um rascunho, será que o nome também não

8 Para Alves e Moreira (2015, p. 60) o conceito de nome social pode ser compreendido como “o nome escolhido pelo próprio sujeito trans, uma vez que existe uma incongruência entre seu nome civil e sua identidade de gênero”.

seria? [...] poderíamos dizer que transexuais escolhem um novo nome para um corpo ou um novo corpo para um nome?”.

Preciado (2022) compara a vida após a transição com um novo nascimento; com isso novas cores começam a se formar, e as mãos pela primeira vez passam a conseguir agarrar, a garganta passa a aprender uma nova voz, um novo nome surge, novas experiências acontecem quando sozinho em sua nova “jaula”; se vai a médicos, juízes, sem mais ser “esmagado entre as duas paredes da masculinidade e da feminilidade”, as quais, o autor expõe que inevitavelmente o matariam. Evidencia, ainda, que livros lésbicos o ajudaram a renascer e a sobreviver, e não os especialistas que produzem as “jaulas”. Assim como Preciado, Victória se inspira em figuras públicas, como as cantoras Gloria Groove e Pablo Vittar e a política Erika Hilton, para sobreviver e aprender sobre a sua nova “jaula”. Além disso, por passar por tantas situações de violência, a jovem conta que se utiliza do esporte como um espaço de “escape” da pressão do dia a dia.

Ah, eu não sou muito de falar isso, mas eu vou falar agora, entendeu? Eu sou uma pessoa que gosto muito de... Sabe? Esquecer os problemas e pensar em alguma coisa que me deixa feliz. E eu gosto muito de jogar vôlei. Entendeu? E aí, eu chamo as minhas amigas, sabe? Eu vou no colégio ou quando eu tô na casa do meu namorado, a gente paga a quadra, a gente vai jogar vôlei, sabe? Vôlei é o que eu mais jogo. Futebol eu jogava antes da minha transição. Só que nessa época eu comecei a ter aquele pensamento, vai, futebol não é coisa de menina, sabe? Aí eu parei. Mas eu gostava muito do futebol (Victória, entrevista, 15 maio 2024).

A narrativa de Victória explicita que para ela, e para muitos, o futebol ainda é concebido como uma prática reservada para meninos e para homens. Em parte, isso pode estar associado à ressalva feita por Leonardo Peçanha, homem trans, que em entrevista ao *site Ig Queer* ressaltou que “[...] o lazer, é muito caro às pessoas trans porque a gente se preocupa mais com estar vivo, direito ao nome e ao banheiro, ter um trabalho, se

alimentar ou ter um lugar para morar. Ou seja, questões sociais primárias e essenciais” (Peçanha, 2022).

Victória muitas vezes passa por diferentes violências, somente por ser quem é. Geralmente, os espaços de lazer ainda perfazem uma solicitação um pouco mais branda pelas pessoas trans, já que são alijados de direitos básicos, como o de ir e vir, utilizar o nome social ou utilizar um banheiro público. Meninos e meninas trans enfrentam diferentes barreiras socioculturais, tais como a exclusão escolar, a marginalização social e a violência física e emocional por serem quem são.

Há uma imposição hegemônica na sociedade que traduz em regras, símbolos e ações humanas, nomeando o que é feminino ou masculino dentro de cada cultura. Assim, impõem-se um modelo de pensamento que se traduz em objetos e atitudes mandatórias para designar o masculino/feminino ao nascer, considerando apenas o corpo biológico. Não se nega a materialidade do corpo, porém problematiza-se a noção de que existem normas regulatórias que regem esse corpo e os modos como ele deve ser (Butler, 2019). Gênero se produz nos fatores sócio-históricos e culturais de cada pessoa, sendo assim as subjetividades de gênero são mutantes e mutáveis. Ademais, o que é visto como padrão de feminilidade ou de masculinidade, não se enquadra em uma delimitação biológica, é uma produção social que varia entre as sociedades e dentro de uma mesma sociedade, com o transcorrer do tempo. (Nunes *et al.*, 2021).

Victória conta que conseguiu participar de uma competição de atletismo na escola e foi a melhor entre todos os estudantes com a sua mesma idade. Porém, ao passar para a próxima etapa dos jogos municipais escolares, não pôde ser inscrita, pois os organizadores não conseguiam contemplar pessoas trans, e ela só poderia ser inscrita na competição masculina – algo que ela não aceitou:

É babado, eu pulei 4 metros e alguma coisa. E aí, eu ia me inscrever no Jépel. Só que eles falaram que eu não podia competir junto com as meninas. Aí eu já pensei assim, por quê? Isso tem

que mudar, né? É, tem que mudar. Porque hoje em dia, isso é um crime, né? Essa transfobia. Não é porque eu tenho uma genética diferente, eu não deixo de ser uma mulher como qualquer outra. E aí eu fiquei um pouco chateada por esse período, por isso que eu não me inscrevo mais no Jepel. (Victória, entrevista, 15 maio 2024).

Pelas práticas esportivas serem pautadas no caráter binário, geralmente, excluem os que são considerados desviantes, “aquelas pessoas cujos corpos e performances desestabilizam a matriz heterossexual expressa no suposto alinhamento entre corpo, gênero e desejo” (Anjos; Goellner, 2017, p. 56). Com isso, Victória não se sente aceita em nenhuma das possibilidades binárias esportivas ofertadas, reiterando um caráter de possível exclusão por suas características físicas.

Alves e Moreira (2015) ponderam que as (trans)subjetividades constituem-se como resistências dentro dos ambientes escolares, e nós percebemos essas resistências também no âmbito dos esportes e do lazer, questionando e desconstruindo o caráter binário dessas práticas.

Pesquisadora chega na casa de acolhimento e encontra um menino que ainda não conhecia. Pergunta seu nome, e o menino questiona se pode ser chamado pelo nome masculino, a pesquisadora responde afirmativamente, ele se apresenta como Endrick. O jovem então questiona:

— Oh tia, todo mundo fala que tu consegue time. Consegue um time feminino para eu entrar, eu já joguei nas [nome do time]. (Endrick)

— Vou ver com o coordenador se você pode e vou tentar. (Pesquisadora)

— Tia Lóry, ela é boa, joga melhor que os meninos aqui da casa. No time das meninas vai passar por cima. (Educador da instituição)

(Ribeiro; Rigo, Caderno de campo, 7 jul. 2023).

Apesar da identificação como menino, Endrick solicita a participação em um time feminino, provavelmente, por entender que seria mais bem aceito em tal espaço, necessitando ficar nesse lugar de transitoriedade para conseguir jogar. Além disso, o educador, ao falar sobre as habilidades do menino, traz a noção hegemônica de que o futebol é algo masculino, e já que Endrick se destaca entre os meninos da casa, teria ainda mais destaque ao jogar em um time feminino. O futebol de várzea ou amador⁹, majoritariamente praticado como lazer, assim como ocorre no futebol profissional, praticado por homens, tende a ser um espaço, predominantemente, cisnormativo.

O futebol possui uma importância significativa para Endrick e para os outros meninos acolhidos, que se constituem como cisgênero. Inclusive vários deles relataram, por mais de uma vez, que não fugiam da instituição porque na casa eles tinham a oportunidade de jogar futebol.

Endrick é o único dos acolhidos que tem torcida durante os jogos e treinamentos, a participação de seus amigos é facilitada pela proximidade da casa com o local onde ocorre as práticas futebolísticas. Endrick faz questão de convidar os outros acolhidos para assistirem aos jogos e treinos, principalmente a sua namorada. Sobre isso ele comentou: *“Ah tia, sei que me queima com as outras gurias do time, mas gosto de mostrar que tenho mulher”* (Endrick, 29 jul. 2023). A assistência aos jogos e treinos por parte de amigos e familiares é algo frequente nas práticas futebolísticas de lazer. Endrick reforça essa tradição convidando seus colegas de instituição para lhe prestigiarem nos treinos e jogos.

Em um dos dias que a pesquisadora, junto com outros quatro jovens acolhidos, foram assistir a um treino de Endrick, Victória comentou:

É tia Lóry, o Endrick é muito bem aceito em um time feminino, mas o meu caso seria diferente, né? (Victória)
Como assim? (Pesquisadora)

9 Mais considerações sobre as diferentes nomenclaturas utilizadas para definir o futebol não profissional em: *Futebol popular* (Ribeiro; Spaggiari; Almeida, 2024).

Eu nunca seria aceita em um time masculino e nem em um feminino. (Victória)

Por que você acha isso? (Pesquisadora)

Sei lá tia, é muito preconceito. (Victória)

Você quer que eu tente uma vaga para você em um time feminino ou masculino? (Pesquisadora)

Não, eu nem gosto de futebol. Não quero, não. (Victória)

(Ribeiro; Rigo, Caderno de campo, 29 jul. 2023).

A narrativa de Victória demonstra que existem espaços e possibilidades diferentes entre os jovens trans acolhidos, sendo o gênero uma das formas de produção da subjetividade desses sujeitos. Com isso, Victória problematiza se a sua aceitação seria tão positiva quanto a de Endrick em espaços de lazer como o futebol de várzea ou amador. No documentário denominado *Quem pode jogar?* (2019), um atleta do fisioculturismo evidencia que percebe essa diferença entre a aceitação de homens e de mulheres trans, apontando a percepção de obstáculos maiores para as atletas trans, porém explica que isso não ameniza a necessidade de lutas para os homens trans ultrapassarem as barreiras ainda existentes para a prática esportiva.

Considerações finais

Para Foucault (1979), vivemos em uma sociedade em que a produção de verdades fabricam discursos. Assim circulam práticas discursivas que são referendadas como verdades, por exemplo, as produções de feminilidades e masculinidades cisgênero. Consequentemente aqueles que não fazem parte das invenções binárias de gênero, sexo e sexualidade, ainda hegemônicos em nossa sociedade, tendem a ser classificados pelos discursos transfóbicos como anormais, como desviantes, ou como alertou Preciado (2022), como um monstro, que não se enquadra nas classificações dos discursos biopsicológicos aceitos como verdadeiros.

Compreendemos que todas as experiências que atravessam os jovens trans aqui pesquisados produzem suas subjetividades nos diferentes

espaços em que transitam, a partir das inter-relações sociais constituídas. Em uma sociedade orientada pelo falocentrismo e heterossexualidade, as subjetividades também “são efeitos de instituições, práticas e discursos cujos pontos de origem são múltiplos e difusos” (Butler, 2003, p. 10).

Especificamente na instituição em que os jovens aqui pesquisados residem (ou residiam, no caso de Endrick), existe um acolhimento enquanto as suas demandas de gênero. A casa tem quartos e banheiros separados entre meninos e meninas acolhidos e os jovens trans ficam nos espaços que combinam com a forma como se compreendem. Victória divide o quarto e o banheiro com as outras meninas que não são trans, e Endrick, da mesma forma, fica junto com os meninos cisgênero. Talvez a instituição seja o espaço socialmente habitado de maior inclusão para esses jovens, na qual são respeitadas as suas idiossincrasias.

Dentro da casa, os jovens e crianças que se compreendem como cisgênero não têm demonstrações de preconceito quanto aos jovens trans. Respeitando os seus nomes e gêneros, inclusive durante o processo de transição de Victória, os acolhidos que a conheceram enquanto menino e com um nome masculino modificaram a forma como a chamavam assim que a jovem passou a ter outro nome. As relações de amizade se estabelecem conforme interesses em comum, por exemplo, o futsal e o videogame proporcionam muitos momentos de descontração, principalmente, entre os meninos da casa, e Endrick se inclui sem dificuldades nessas vivências. Victória gosta muito de passear junto com as outras acolhidas, com uma ajudando a outra a se arrumar, fazendo penteados e maquiagens. Além disso, os outros acolhidos são solidários e não aceitam com passividade quando Victória sofre transfobia em outros espaços, como a escola.

O esporte e o lazer são parte importante da vida desses jovens, principalmente de Endrick, para quem o futsal é um lugar de autoestima e empoderamento; estar em um time faz com que o jovem tenha um lugar de destaque na casa tanto para os outros acolhidos quanto para aqueles que trabalham na instituição. Assim, o esporte constitui-se como parte da sua subjetividade, como espaço em que se formam diferentes sentimentos,

para além da demonstração de habilidades, mas também de sociabilidade, de afetos, de aprendizados, e de uma maior autonomia, pois lhe possibilita participar de treinos e competições fora da instituição.

Para Endrick, toda ida à quadra representa um momento singular para a constituição de sua subjetividade trans. Nos jogos e nos treinos, Endrick lança mão de seu “capital futebolístico”¹⁰ para mostrar o quanto ele joga. O jovem costuma comemorar com euforia cada gol que faz e mostra ira toda vez que erra uma jogada. Para ele, o futebol é um momento de empoderamento que eleva sua autoestima e atua positivamente na construção de sua subjetividade, que se processa, diariamente, na convivência com outros jovens que se assumem como não trans e que também gostam de futebol.

Victória também é atravessada pelas questões de esporte e lazer, seja em uma negação ao futebol, por entender que é um esporte masculino, seja pelas idas às quadras de vôlei para aliviar o estresse, ou ainda pela instigante vontade de competir e não poder, por estarmos em uma sociedade pautada em normas binárias. Victória, que costuma reivindicar seus direitos, traz questionamentos e se interessa em participar dos espaços esportivos e de lazer, problematizando se o universo do futebol a aceitaria ou não.

Esse estudo problematizou questões que tratam da passabilidade e da transfobia que afetam jovens trans. A pesquisa concluiu que as práticas esportivas e especificamente o futebol ocupavam um lugar de destaque na sociabilidade e na produção de subjetividades de Victória e Endrick, dois jovens trans em situação de acolhimento.

10 O conceito de capital futebolístico é uma apropriação da problematização que Bourdieu (1984; 1992) faz do conceito de capital. Bourdieu alarga o conceito de capital “econômico”, acrescentando a existência de um “capital cultural”; um “capital social” e um “capital simbólico”. Que funcionam se entrecruzando uns com os outros.

Referências bibliográficas

ALVES, Cláudio Eduardo Resende; MOREIRA, Maria Ignez Costa. Do uso do nome social ao uso do banheiro: (trans)subjetividades em escolas brasileiras. *Quaderns de Psicologia*, v. 17, n. 3, p. 59–69, 2015.

ALVES, Cláudio Eduardo Resende. Mulheres cisgênero e mulheres transgênero: existe um modelo legítimo de mulher? SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11 & WOMEN'S WORLD CONGRESS, 13. *Anais eletrônicos*, Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1518011872_ARQUIVO_Mulherescisgeneroemulherestransgenero-ClaudioEduardoResendeAlves.pdf. Acesso em: 13 abr. 2026.

ANJOS, Luiza Aguiar dos; GOELLNER, Silvana Vilodre. Esporte e transgeneridade: corpos, gêneros e sexualidades plurais. In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ilena; SCHWENGBER, Maria Simone Vione. (org.). *Educação Física e sexualidade: desafios educacionais*. 1. ed. Ijuí: Unijuí, 2017. p. 51–72. v. 1.

ARIZA, Marília Bueno de Araujo. Roda dos expostos (1825–1961). In: *Santa Casa de Misericórdia de S. Paulo*, [s.d.]. Disponível em: <https://santacasasp.org.br/museu-curiosidades/>. Acesso em: 13 abr. 2026.

BOURDIEU, Pierre. *Questions de sociologie*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984.

BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Glossário temático: promoção da saúde*. Série A. Normas e Manuais Técnicos. Brasília, DF, 2012.

BRASIL. Acessar a unidade de acolhimento: “serviço de acolhimento”, “unidade de acolhimento”. In: *gov.br*, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/acessar-unidade-de-acolhimento>. Acesso em: 13 abr. 2026.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. Tradução de Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: I. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994. v. 1.

CERTEAU, Michel de. *A cultura do plural*. Campinas: Papirus, 1995. (Coleção Travessia do Século).

CRENSHAW, Kimberle. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV.AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, 2004. p. 7-16.

CUNHA, Leandro Reinaldo da. Passabilidade como fator de inclusão e acesso para pessoas transgênero. *Migalhas*, 24 ago. 2023. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/coluna/direito-esexualidade/392338/passabilidade-como-fator-de-inclusao-e-acesso-para-pessoas-transgenero>. Acesso em: 13 abr. 2026.

DAMICO, José; KNUTH, Alan Goularte. O (des)encontro entre as práticas corporais e a atividade física: hibridizações e borramentos no campo da saúde. *Movimento*, v. 20, n. 1, p. 329-350, jan./mar. 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/39474>. Acesso em: 13 abr. 2026.

FERREIRA, Vitor Sérgio. Artes e manhas da entrevista compreensiva. *Saúde e Sociedade*, [s. l.], v. 23, n. 3, p. 979-992, set. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902014000300020>. Acesso em: 13 abr. 2026.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998. v. 15.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos IV: estratégia poder-saber*. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

KNUTH, Alan G.; ANTUNES, Priscilla de Cesaro. Práticas corporais/atividades físicas demarcadas como privilégio e não escolha: análise à luz das desigualdades brasileiras. *Saúde e Sociedade*, v. 30, n. 2, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200363>. Acesso em: 13 abr. 2026.

LEBRETON, David. Ocorponas pesquisas atuais. SIMPÓSIO INTERNACIONAL FILOSÓFICO E TEOLÓGICO, 10. Faculdade Jesuíta, Belo Horizonte, 2014.

MANSKE, George Saliba. Práticas corporais como conceito?. *Movimento*, [s. l.], v. 28, p. e28001, 2022. DOI: 10.22456/1982-8918.118810. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/118810>. Acesso em: 21 abr. 2026.

MUSEU DA MISERICÓRDIA. Roda dos Expostos. Salvador, [s.d.]. Disponível em: <https://www.museudamisericordia.org.br/>. Acesso em: 14 abr. 2026.

NUNES, Tainá *et al.* “Coisa de menina” e “coisa de menino”? Uma leitura do preconceito de gênero pela perspectiva dos praticantes de balé clássico masculino e futebol feminino. *Sociologias Plurais*. Curitiba, v. 7, n. 3, 2021.

PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto. Desinformação e falta de respostas impactam acesso de trans ao esporte. [Entrevista concedida a] Camila Cetrone e Miguel Trombini. *Ig Queer*, 6 jun. 2022. Disponível em: <https://queer.ig.com.br/2022-06-06/transformando-o-esporte-inclusao-atletas-trans-brasil.html>. Acesso em: 15 abr. 2026.

PORTO, Rosane de Albuquerque. *Roda dos expostos: deslocamentos do livro ao jornal*. 2011. 226 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira e Teoria Literária) – Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira e Teoria Literária, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/130857/322023.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 13 abr. 2026.

PRECIADO, Paul. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 Edições, 2014.

PRECIADO, Paul. *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas*. Tradução de Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

QUEM pode jogar? Direção: Marcos Ribeiro. Produção: Cavi Borges e Verônica Solti. Brasil: TV Imaginária/GNT-Globosat, 2019. Documentário (76 min).

RIBEIRO, Lóry da Silveira Ribeiro; RIGO, Luiz Carlos. *Caderno de campo: imersão e intervenções com o objetivo de analisar o papel do futebol e do*

lazer na sociabilidade e na produção de subjetividade de jovens transgêneros em situação de acolhimento institucional. Pelotas, mar. 2022/dez. 2023. Material não publicado.

RIBEIRO, Lóry da Silveira; GOELLNER, Silvana Vilodre; RIGO, Luiz Carlos. Adoção tardia: manifestações do cotidiano de uma casa de acolhimento de Pelotas/RS. *Revista Caderno Pedagógico*, Curitiba, v. 21, n. 10, p. 1-21, 2024.

RIBEIRO, Lóry da Silveira Ribeiro; RIGO, Luiz Carlos. O futebol como produtor de subjetividade: um estudo a partir de crianças e jovens das casas de acolhimento da cidade de Pelotas/RS. *RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, [s. l.], v. 11, 2025. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/2619>. Acesso em: 13 abr. 2026.

RIBEIRO, Raphael Rajão; SPAGGIARI, Enrico; ALMEIDA, Caroline Soares de (org.). *Futebol popular*. 1. ed. São Paulo: Ludopédio, 2024. v. 7 (Coleção Campo de Jogo).

WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Tradução de Angela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.